

JAMES PATTERSON

N.º 1 em todo o mundo
Mais de 295 milhões de livros vendidos

Primeiro Amor



e EMILY RAYMOND



TOPSELLER

um

OK, talvez não vá passar a melhor imagem de mim ao admitir isto, mas deixem-me dizer já, à partida, que eu era tão certinha, tão boazinha, que a ideia de faltar às minhas duas últimas aulas daquele dia (Física Avançada e Inglês Avançado) me deixou tão incrível e ridiculamente nervosa que cheguei mesmo a pensar que aquele plano louco não iria valer a pena.

Em retrospectiva, custa-me a acreditar que estive *tão perto* de recusar a experiência mais bonita, engraçada, dolorosa e transformadora da minha vida.

Fui mesmo idiota.

Estava na Pharmacy & Soda Fountain do Ernie e sentia-me como se na minha barriga quinhentas borboletas estivessem a festejar de forma épica. A biqueira das minhas botas *vin-tage* da *Frye* não parava de bater no balcão, até que o Ernie — que tem para aí um milhão de anos de idade e que é um tremendo rabugento — me disse para parar com aquilo. No entanto, o Ernie está a um concerto dos Nickelback de ficar

completamente surdo, portanto descalcei as botas e continuei a bater com os pés no balcão.

Senti-me feliz por ele não me ter perguntado porque estava sentada na sua loja velhíssima, a beber um café gigante (do qual precisava tanto quanto de um buraco na cabeça), em vez de estar a dois quarteirões dali, na Escola Secundária de Klamath Falls, a ouvir o professor Fox dizer palermices sobre o contínuo tempo-espaço. O que poderia ter respondido?

Bem, Ernie — Sr. Holman, quero dizer — estou à espera de um rapaz com quem nunca poderia namorar e estou a preparar-me para lhe pedir que faça algo tão importante que ou vai salvar as nossas vidas ou destruir-nos completamente.

O Ernie não se interessa especialmente pela angústia existencial dos adolescentes e é provavelmente por isso que ninguém que eu conheça frequenta a loja dele — por isso e pelo facto de os doces que vende estarem cobertos de pó e os chocolates *Snickers* serem tão duros que podem ser usados como pés-de-cabra.

Mas eu não me importo. O mesmo é verdade em relação ao rapaz que mencionei. A loja do Ernie é o nosso lugar.

O rapaz tinha-me enviado um bilhete algumas horas antes. De alguma forma, tinha conseguido abrir o meu cacifo, apesar de já não andar na minha escola e de termos seguranças que mais parecem SEAL da Marinha para nos protegerem de sabe-se lá o quê (talvez de nos amotinarmos pelo simples tédio de vivermos numa cidade pequena).

Axi—

Com que então recebeste uma notícia da máxima importância, há?

Fico chocado por pensares que consegues surpreender-me — ou surpreendido por pensares que consegues chocar-me.

Du algo do género.

Tu é que és a especialista em palavras.
Bem, seja como for, mal posso esperar para ouvir.
No Ernie. Às 13.15h.
Sim, isto implica faltar às aulas.
Nada de desculpas.
— O teu «malandro» preferido

Típico do Robinson. A brincar, tinha-lhe chamado malandro em tempos e ele nunca me deixara esquecer. Tem quase dezasseis anos. O meu melhor amigo. O meu parceiro no crime.

Ouvi a porta da rua a abrir e percebi que ele tinha chegado, pela forma como a expressão do Ernie se alegrou, como se alguém tivesse acabado de lhe dar um presente. O Robinson tem esse efeito nas pessoas: quando entra numa sala, é como se as luzes ficassem, subitamente, mais fortes.

Aproximou-se de mim e deu-me uma palmada no ombro.

— Axi, és mesmo tola — disse ele (com um tom carinhoso, obviamente). — Nunca se deve beber o café do Ernie sem um *donut* — Aproximou-se mais e sussurrou: — Essa porcaria vai abrir-te um buraco enorme no estômago. — Depois, encavalitou-se no banco ao lado do meu, com as pernas esguias e magras cobertas por umas *Levi's* coçadas. Usava uma camisa de flanela apesar de estarmos no fim de maio e de estarem mais de vinte e três graus lá fora.

— Olá, Ernie — disse ele —, soubeste que os Timbers despediram o treinador? E, já agora, trazes-nos um *cruller* de chocolate?

O Ernie aproximou-se, abanando a cabeça grisalha.

— Futebol! — resmungou ele. — O Oregon precisa é de uma equipa profissional de basebol. Isso é que é um desporto. — Pousou o *donut* num prato velho e lascado e disse: — Oferta da casa.

O Robinson voltou-se para mim, a sorrir, e apontou com o polegar para o Ernie. — Adoro este tipo.

Percebi que o Ernie sentia o mesmo.

— Então — disse ele, dedicando-me agora toda a sua atenção —, conta-me lá a tua ideia louca. Vais finalmente tirar a carta? Decidiste beber uma cerveja inteira? Vais deixar de fazer os trabalhos de casa tão religiosamente?

Ele está sempre a meter-se comigo por ser tão certinha. O Robinson acha (e o meu pai concorda) que se mete constantemente em sarilhos por ter desistido da escola secundária, que achou «insuficientemente cativante» e «povoada por cretinos» (sendo que a palavra *cretinos* lhe tinha sido ensinada por mim, como é óbvio). Acho que ele tinha alguma razão, neste aspeto.

— Provavelmente vou chumbar a tudo menos a Inglês — disse eu, sem exagerar. A minha média estava prestes a descer a pique porque se aproximavam os exames finais e, com um pouco de sorte, não estaria cá para os fazer. Há uma semana, saber isto ter-me-ia tirado o sono. Mas havia deixado de me preocupar porque, se o plano funcionasse, a vida tal como a conhecia iria mudar.

— Conhecendo-te, parece-me altamente improvável — comentou o Robinson. — Que mal tem estares um pouco distraída e, Deus nos livre, teres um Bom Mais a uma disciplina? Estás ocupada a escrever o próximo Grande Romance Americano — *ai!*

Eu tinha-lhe dado uma palmada no braço.

— Ora. Entre a escola e a obrigação de cuidar do meu pai, não tenho tido tempo *nenhum* para escrever. — O meu pai passou um mau bocado há alguns anos e, desde então, tenta afogar os problemas na bebida. Escusado será dizer que a estratégia não está a resultar muito bem. — Podemos concentrar-nos no problema atual? — perguntei.

— Que é?...

— Vou fugir — respondi.

O Robinson ficou boquiaberto. Já agora, ao contrário aqui da vossa amiga, ele nunca usou aparelho e tem uns dentes perfeitos.

— E ficas a saber que também vens — acrescentei.

Dois

— Ouviste isto, Ernie? — disse o Robinson. Ter-lhe-ia dito que pareceu estupefacto, mas ele também nunca me deixaria esquecer essa palavra.

Claro que o Ernie não tinha ouvido nada, nem mesmo a pergunta do Robinson. E, assim, ele afastou o *donut* e fitou-me como se nunca me tivesse visto. Não é frequente conseguir surpreendê-lo, portanto eu estava a apreciar aquele momento.

— Chegaste a ler o exemplar do *Pela Estrada Fora* que te dei? — perguntei.

Agora, o Robinson estava com uma expressão comprometida.

— Comecei a lê-lo...

Revirei os olhos. Estou sempre a dar-lhe livros e ele está sempre a dar-me músicas mas, tendo em conta que ele tem dificuldades de concentração e que o meu *iPod* está morto, não passa disso. — Bem, o Sal (que é, na verdade, Jack Kerouac, o autor) e os amigos correm o país todo e conhecem gente

louca e dançam em bares de segunda, escalam montanhas e apostam em corridas de cavalos. Nós vamos *fazer* isso, Robinson. Vamos deixar esta lixeira para trás e fazer uma viagem épica. De Oregon até Nova Iorque — com paragens pelo caminho, como é óbvio.

Robinson fitava-me, pestanejando. *Quem és tu?*, parecia perguntar a sua expressão.

Endireitei-me no assento.

— Primeiro, vamos ver o Parque Nacional de Redwood, porque é completamente místico. Depois, seguiremos para São Francisco e Los Angeles. Leste para o Parque Nacional de Great Sand Dunes no Colorado. Depois, para Detroit — *o coração da indústria automóvel*, Robinson, tem tudo que ver contigo. E, depois, por seres completamente viciado em velocidade, vamos andar na montanha-russa Millenium Force, no parque Cedar Point. Anda, tipo, a duzentos quilómetros por hora! Vamos a Coney Island. Vamos ver o Templo de Dendur, no Metropolitan Museum of Art. Vamos fazer tudo o que quisermos!

Percebi que estava a falar como uma pessoa louca, portanto abri o mapa amachucado para lhe mostrar como tinha chegado àquele plano. — Este é o nosso percurso — expliquei. — A linha roxa somos nós.

— Nós — repetiu ele. Claramente, estava a demorar a compreender a minha proposta.

— Nós. Tens de vir — insisti. — Não consigo fazê-lo sem ti.

Isto era verdade, em mais sentidos do que queria confessar-lhe, ou mesmo a mim própria.

Subitamente, o Robinson começou a rir, e riu-se tanto e durante tanto tempo que temi que esta fosse a sua maneira de dizer: *Nem penses, sua pessoa completamente louca que parece a Axi mas que é claramente uma maluca qualquer.*

— Se não vieres, quem é que me vai lembrar que devo comer um *donut* a acompanhar o café? — continuei, pois

ainda não estava preparada para o deixar pronunciar uma palavra cética ou sarcástica em resposta. — Tu *sabes* que eu tenho um péssimo sentido de orientação. E se eu me perder em Los Angeles, for encontrada pelos cientologistas e começar subitamente a acreditar em Xenu e extraterrestres? E se me embebedar em Las Vegas e me casar com um desconhecido? Quem é que me vai dar cotoveladas nas costelas quando eu começar a citar Shakespeare? Quem é que me vai proteger de tudo isso? Não podes deixar uma miúda de dezasseis anos atravessar o país sozinha. Seria, tipo, moralmente irresponsável...

O Robinson levantou uma mão, ainda a rir.

— E eu posso ser um malandro, mas não sou *moralmente irresponsável*.

Finalmente ele diz alguma coisa!

— Estás a dizer que vens? — perguntei. Sustendo a respiração.

O Robinson fitou o teto. Estava a torturar-me e sabia-o. Estendeu a mão para o prato e, pensativo, deu uma dentada no *cruller*.

— Bem... — começou.

— Bem, *o quê?* — Eu estava outra vez a dar pontapés no balcão. Com força. Muita força.

Ele deslizou a mão pelo cabelo, que era escuro e estava sempre um pouco despenteado, mesmo quando acabara de o cortar. Depois, virou-se e fitou-me com o seu olhar matreiro.

— Bem — repetiu, muito calmamente —, podes crer que sim.

parte um

1

Eram quatro e meia da manhã quando acordei e tirei a mochila de debaixo da cama. Tinha passado as últimas noites a fazê-la, a desfazê-la e a voltar a fazê-la, obsessivamente, certificando-me de que tinha exatamente as coisas de que precisava e nada mais que isso: duas mudas de roupa, sabão de azeite *Dr. Bronner* (bom para «Barba-Champô-Massagem-Dentes-Banho» segundo o rótulo) e um canivete suíço que tinha roubado da gaveta da secretária do meu pai. Uma máquina fotográfica. E, claro, o meu diário, que levo para toda a parte.

Oh, e mais de mil e quinhentos dólares em dinheiro, porque há cinco anos que sou a melhor *babysitter* do bairro e cobro de acordo com a qualidade do serviço.

Talvez uma parte de mim sempre tenha sabido que havia de me ir embora. Afinal, por que raio é que não tinha estourado o dinheiro num *iPad* e num vestido Vera Wang para o baile de finalistas, como todas as outras miúdas da minha

turma? Tinha aquele mapa dos Estados Unidos na minha parede há séculos e costumava pôr-me a olhar para ele e a imaginar como seriam sítios como Colorado, Utah, Michigan ou Tennessee.

Parece incrível que tenha demorado tanto tempo a arranjar coragem para ir embora. Afinal, eu tinha visto a minha mãe fazê-lo. Seis meses depois da morte da minha irmã mais nova, Carole Ann, a Mãe enxugou os seus olhos vermelhos e foi embora. Voltou para o leste do país, onde tinha crescido, e, tanto quanto sei, nunca olhou para trás.

Talvez a compulsão de fugir seja genética. A Mãe fê-lo para escapar à sua dor. O meu pai consegue o mesmo efeito com o álcool. Agora, estava eu a fazê-lo... e parecia-me estranhamente *certo*. Finalmente. Quase conseguia perdoar a Mãe por ter dado à sola.

Vesti a roupa que tinha preparado para a viagem, calcei os ténis — dizendo adeus às minhas botas preferidas — e pus a mochila às costas, ajustando a tensão das alças. Teria tantas saudades deste apartamento, desta cidade, desta *vida*, como um ex-presidiário sente falta da sua cela. Por outras palavras: Nem. Um. Pouco.

O meu pai estava a dormir no horrível sofá da sala. Costumava ter umas florinhas cor-de-rosa que agora tinham um tom cor de laranja acastanhado, como se até as plantas de tecido pudessem morrer por falta de cuidados no nosso apartamento. Passei por ele e dirigi-me para a porta da rua.

O meu pai soltou um ligeiro ronco enquanto dormia, mas, de resto, nem se mexeu. Nos últimos anos, tinha-se habituado a ser deixado. Importar-se-ia realmente se mais um membro da família Moore desaparecesse?

Ainda assim, parei quando ia a meio do corredor. Imaginei-o a acordar e a arrastar os pés para a cozinha para fazer café. Veria como eu a tinha deixado limpa e sentir-se-ia grato, e talvez até decidisse vir para casa mais cedo do trabalho e fazer

um jantar de família (ou um jantar-para-o-que-resta-da-família). E esperaria por mim à mesa, como eu tinha esperado por ele tantas noites, até a comida arrefecer.

Ao fim de algum tempo, acabaria por perceber: eu tinha partido.

Uma dor surda alastrou-se pelo meu peito. Dei meia-volta e voltei para dentro.

O Pai estava deitado de barriga para cima, com a boca ligeiramente aberta e os sapatos ainda calçados. Estendi uma mão e toquei-lhe ao de leve no ombro.

Não era um péssimo pai. Pagava a renda e as compras de supermercado, mesmo sendo eu quem fazia habitualmente essas compras. Quando falávamos, o que não acontecia com frequência, perguntava-me pela escola e pelos meus amigos. Eu respondia sempre que estava tudo bem, porque gostava dele o suficiente para lhe mentir. Ele estava a fazer o melhor que conseguia, ainda que esse melhor não fosse muito bom.

Tinha escrito cerca de oito versões do meu bilhete de despedida. O Suplicante: *Por favor, tenta compreender, Pai, isto é algo que preciso de fazer.* O Lisonjeiro: *Pai, o teu amor e preocupação são o que me dá força para fazer esta viagem.* O Literário: *Como o grande dramaturgo irlandês George Bernard Shaw escreveu: «A vida não consiste em procurarmo-nos. A vida consiste em criarmo-nos.» E eu quero ir criar-me, Pai.* O Impertinente: *Não te preocupes comigo, Pai, sou muito capaz de cuidar de mim. Afinal de contas, faço-o desde que a Mãe se foi embora.* No entanto, nenhum deles me pareceu certo e acabei por deitá-los todos fora.

Debrucei-me mais sobre ele. Conseguia sentir o cheiro da cerveja, do suor e do *aftershave Old Spice*.

— Oh, Papá — sussurrei.

Talvez uma pequena parte de mim esperasse que ele acordasse e me impedisse de ir. Uma parte pequena e fraca que só queria ser uma menina pequenina outra vez, com uma

família que não estivesse doente e desfeita. Mas isso não iria certamente acontecer, pois não?

E, assim, debrucei-me e beijei o rosto do meu pai. E deixei-o realmente.

2

O Robinson estava à minha espera na última mesa do restaurante da Klamath Avenue que estava aberto toda a noite, a dois quarteirões do terminal de autocarros. Ao seu lado estava uma mochila que parecia ter sido comprada a um vagabundo, daqueles que viajam clandestinos de comboio, por pataca e meia, e ele tinha no rosto uma expressão que me fazia lembrar um cão de guarda, a dormir com um olho aberto. Fitou-me por cima do vapor que emanava do café.

— Pedi uma tarte — disse.

Como se tivesse ouvido a sua deixa, a empregada de mesa trouxe um prato com uma tarte de amoras de aspeto pegajoso e dois garfos.

— Vocês acordaram cedo — comentou ela. Ainda não tinha amanhecido. Até os pássaros estavam a dormir.

— Na verdade, somos vampiros — retorquiu o Robinson. — Viemos só comer um lanchinho antes de irmos dormir. — Semicerrou os olhos para a placa com o nome dela e

presenteou-a com o seu enorme e deslumbrante sorriso. — Não nos denuncie, está bem, Tiffany? Não quero que me cravem uma estaca no coração. Ainda só tenho quinhentos anos — sou *demasiado* jovem e encantador para morrer.

Ela riu-se e voltou-se para mim.

— O teu namorado é muito atiradiço — disse.

— Oh, ele não é meu namorado — apressei-me a responder.

A resposta do Robinson veio quase tão rapidamente como a minha.

— Ela queria namorar comigo, mas eu recusei.

Dei-lhe um pontapé por baixo da mesa e ele gemeu.

— É mentira — acrescentei. — Foi exatamente o contrário.

— Vocês são uma autêntica dupla de comediantes — observou a Tiffany. Não era muito mais velha do que nós, mas abanou a cabeça como se fôssemos duas crianças tolas. — Deviam fazer uma *tourné*.

O Robinson levou à boca uma grande garfada de tarte.

— Pode crer que é o que vamos fazer — disse.

Empurrou o prato na minha direção, mas eu abanei a cabeça. Não conseguia comer. Tinha conseguido controlar os nervos, mas, agora, estava à beira de um colapso. Quando é que tinha feito algo tão louco, tão monumental? Eu nunca tinha sequer chegado a casa depois da hora imposta pelos meus pais.

— Despacha-te lá a comer a tarte — disse eu. — O autocarro para Eureka parte daqui a quarenta e cinco minutos.

O Robinson parou de mastigar e fitou-me. — Desculpa?

— O autocarroooo — repeti, arrastando a última sílaba. — Lembras-te? Aquele que vamos apanhar? Para podermos sair daqui?

O Robinson soltou uma gargalhada e tive vontade de lhe dar mais um pontapé, já que não é preciso ser-se um génio para perceber se alguém se está a rir *connosco* ou a rir-se *de nós*.

— Qual é a graça?

Ele inclinou-se para a frente e pousou as mãos nas minhas.

— Axi, Axi, Axi — disse, abanando a cabeça. — Esta é a viagem de uma vida. *Não* vamos fazê-la num autocarro inter-cidades.

— O quê? Mas, afinal, quem é que é responsável por esta viagem? — perguntei. — E que mal tem o autocarro?

O Robinson suspirou.

— O autocarro tem *tudo* de mal. Mas vou dar-te algumas informações para parares de me fitar com esses grandes olhos azuis. Esta é a *nossa* viagem, Axi, e não quero partilhá-la com um tipo acabado de sair da prisão ou com uma velhota que me quer mostrar fotografias dos netos. — Apontou-me o garfo com um pedaço de tarte. — Além disso, o autocarro é, basicamente, uma enorme placa de Petri que produz superbactérias e demora demasiado tempo a chegar onde quer que seja. E estes dois motivos ofereço-tos de graça.

Levantei as mãos, exasperada.

— Bem, que eu saiba, não temos nenhum jato privado, Robinson.

— Quem é que falou em aviões? Vamos de carro, tonta — explicou ele. Recostou-se no assento e cruzou as mãos atrás da cabeça, perfeitamente calmo e descontraído. — E estou mesmo a falar de um carro *roubado*.

3

— O que é que estás *a fazer*? — sussurrei enquanto o Robinson nos guiava por uma das ruas laterais próximas. As pernas dele têm quase o dobro do comprimento das minhas, o que me obrigava a correr para o acompanhar.

Quando chegámos a um cruzamento, agarrei-o pelo braço e obriguei-o a virar-se para mim. De olhos nos olhos. De Malandro para Menina Certinha.

— Estás a falar a sério? — perguntei. — Diz-me que estás a brincar.

Ele sorriu.

— Tu trataste do percurso. Deixa-me ser eu a tratar do transporte.

— Robinson...

Sacudiu o braço para se soltar e, depois, pô-lo sobre os meus ombros, como se fosse o meu irmão mais velho.

— Agora sossega, MC, enquanto eu te ensino a escolher veículos.

— Enquanto me ensinas a fazer o *quê*? E para de chamar isso. — MC é a abreviatura de Menina Certinha e fico completamente louca quando o ouço chamar-me isso.

O Robinson apontou para um carro mesmo à nossa frente.

— Ora, este aqui é um *Jaguar*. É uma máquina belíssima. Mas é um *XJ6* e esses modelos têm muitos problemas com os filtros de combustível. Não podemos correr o risco de deixar o nosso carro roubado ter uma fuga de combustível, Axi, porque pode incendiar-se e, aí, ou morres no incêndio ou vais para a cadeia por roubo qualificado de automóveis.

Avançámos um pouco mais e ele apontou para um monovolume verde.

— O *Dodge Grand Caravan* é espaçoso e fiável, mas somos aventureiros, não mães de família.

Decidi pensar que estávamos apenas a brincar ao faz-de-conta.

— OK, então e aquele ali? — perguntei.

Ele seguiu o meu dedo e fez uma expressão pensativa. — *Toyota Matrix*. Sim, é sem dúvida uma boa opção. Mas estou à procura de uma coisa mais elegante.

Por esta altura, o sol já começava a aparecer no horizonte e os pássaros tinham acordado e comunicavam entre si. Enquanto o Robinson e eu caminhávamos pelas ruas cobertas de folhas secas, senti a agitação que começava a manifestar-se nas casas do bairro. E se um tipo qualquer viesse à porta recolher o jornal e nos visse, dois vadios, a observar duvidosamente os carros daquele bairro?

— Anda lá, Robinson — disse eu. — Vamos sair daqui. — Ainda tinha a esperança de conseguir apanhar o autocarro. Faltavam dez minutos.

— Quero encontrar o carro perfeito — disse ele.

Naquele momento, detetámos movimento pelo canto do olho. Algo castanho e rápido avançava na nossa direção. Abafei um grito de espanto e estendi a mão para o Robinson.

Ele riu-se e puxou-me para si.

— Então, Axi, tem calma. É só um cão.

O meu coração matraqueava. — Sim... agora percebi.

Outra coisa que percebi foi que era improvável que se tratasse de um cão de ataque. Era pequeno e tinha o pelo sujo e emaranhado. Não tinha coleira nem nenhum tipo de identificação. Dei um passo em frente, com a mão estendida, e o cão encolheu-se. Virou-se e correu antes para o Robinson (obviamente) e lambeu-lhe a mão. O maldito bicho deitou-se-lhe aos pés. O Robinson ajoelhou-se para lhe fazer festas.

— Robinson — disse eu, começando a perder a paciência —, seja de expresso ou de carro roubado, temos de ir agora.

Ele pareceu não ouvir. Os seus dedos longos e graciosos puxavam, ao de leve, as orelhas do cão, que se deitou de lado. Quando o Robinson coçou a barriga do cão, a perna do animal estremeceu e a língua cor-de-rosa deslizou para fora da boca, numa expressão de total êxtase canino.

— És um lindo menino — disse, docemente, o Robinson. — Onde é a tua casa?

Embora o cão não pudesse responder, nós sabíamos a resposta. Era escanzelado e tinha o pelo coberto de lama. Tinha uma pelada no dorso. Este cão não tinha dono.

— Quem me dera que pudéssemos levar-te connosco — disse o Robinson. — Mas temos um longo caminho pela frente e não me parece que a ideia te agrade.

O cão olhou-o como que a dizer que lhe agradava toda e qualquer coisa que envolvesse festas do Robinson. Mas, quando estamos a fugir da nossa vida e não podemos levar nada que não seja essencial, um cão abandonado pertence à categoria das Coisas Desnecessárias.

— Dá-lhe um pouco de mimo, Axi — pediu o Robinson.

Inclinei-me para a frente e enterrei os dedos no pelo sujo do cão como tinha visto o Robinson fazer e, quando a minha mão lhe deslizou pelo peito, senti o batimento acelerado do


seu coração, o entusiasmo de encontrar um lar, alguém que cuidasse dele.

Pobrezinho, pensei. Em certa medida, eu sabia exatamente o que ele estava a sentir. Não tinha ninguém e estava preso aqui.

Mas nós não estávamos. Já não.

— Vamos embora, amiguinho. Sinto muito — disse eu. — Temos mesmo de ir.

Foi muito estranho, mas, por algum motivo, aquela despedida doeu-me tanto como a que sussurrei ao ouvido do meu pai.



Pensávamos que podíamos
fugir do mundo.

Viver aquela aventura louca
e viajar sem destino.

Pensávamos que podíamos
escapar ao tempo. E de
certa forma foi isso
que conseguimos.



Espreite o
vídeo deste
livro no
ecrã de um
telemóvel.



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

Ficção romântica

ISBN 978-989-8626-29-5



9 789898 626295

www.topseller.pt